

Assembléias nos quatro cantos de Minas

Durante 10 dias os eletricitários irão participar de 84 assembléias para definir a Pauta de Reivindicações do ACT 2007/08. O que a categoria está elegendo como tema central da Campanha é a melhor distribuição de riqueza da Cemig e o cumprimento de seu papel como empresa pública.

Para elaborar uma pauta de reivindicações que tenha a cara dos eletricitários, o Sindieletro está realizando 84 assembléias, dando início à mobilização para a Renovação do Acordo Coletivo de Trabalho. Só no Triângulo foram 26 reuniões, que começaram pelas usinas e se expandiram por outras unidades, mostrando a convicção dos eletricitários de que as conquistas dependem de todos.

No Jatobá, em Belo Horizonte, o coordenador do Sindieletro na Metalúrgica, Leonardo Timóteo, lembrou que a Cemig teve lucros de R\$ 2 bilhões e que, apesar de ser uma empresa pública criada para promover o bem estar social, chega a repassar 92% dos seus lucros para os acionistas. “É neste ponto que os eletricitários devem fazer sua disputa por mais justiça e valorização”, disse.

A luta é por justiça

Na Cidade Industrial, Leonardo Timóteo disse que as condições para a Cemig atender as demandas dos trabalhadores passam pela revisão da política de dividendos. “A organização dos eletricitários já impediu a privatização da Cemig e dificilmente estaremos diante de desafio maior. Vamos dizer à empresa que somos contra o re-

passe abusivo de lucros e que exigimos justiça”, afirmou.

Os trabalhadores vão reivindicar 10% de reajuste salarial e a distribuição linear de 11% do ROC, como forma de promover igualdade na distribuição dos resultados da empresa.

Saúde para todos

As questões de saúde e segurança também têm destaque na Pauta. “A pressão por produtividade e o assédio moral aumentaram a hipertensão, o estresse e a depressão entre os trabalhadores e serão temas da Campanha, juntamente com as ações para reduzir os acidentes de trabalho”, destacou o coordenador do Sindieletro, Wilian Vagner.

Nas assembléias do Vale do Aço os debates relacionaram as dificuldades vividas pelos eletricitários com a gestão equivocada da Cemig.



Trabalhadores da Cidade Industrial aprovam a Pauta de Reivindicações para o ACT 2007/08

Regionais intensificam o debate sobre a Campanha

No próximo dia 15, os eletricitários do Vale do Aço farão o planejamento das ações da Campanha e discutirão o cronograma de mobilização, incluindo visitas as unidades da Cemig.

Na Regional Oeste o debate já foi feito e teve participação expressiva. A temperatura subiu na hora de discutir as PRs e as regras do PCR, onde há grande insatisfação dos trabalhadores.

Na Regional Leste os trabalhadores também destacaram a importância da luta pelo fim das distorções do PCR, além da reivindicação por reajuste do teto de reembolso do Prosaúde.

Na Mantiqueira os trabalhadores participaram das reuniões e reafirmaram o compromisso com a defesa de todos os itens da Pauta.

Trabalhadores apontam desigualdade

Para Wallison Frabrini, técnico no Jatobá, o maior problema é a distribuição não linear dos resultados da Cemig. “O salário recebido pelos chefes todos os meses já é o diferencial pela função que exercem e não

há motivo para a PR ser proporcional. A empresa tem a obrigação moral de garantir um Plano de Carreira que valorize as habilidades dos eletricitários”.

O técnico industrial da LI/CT, João Cruz, questiona o repasse de lucro da Cemig. “É dinheiro demais para os acionistas, enquanto nós trabalhadores, que geramos os lucros, ficamos prejudicados. Não há investimento na renovação de equipamentos e na manutenção da rede. No setor de transporte, não foi feita nenhuma aquisição em 2006 e nem em 2007. Parece que nem transformador a empresa compra mais. Por tudo isso, essa transferência de lucro da Cemig

para o setor privado é inexplicável”, avalia.

Auxílio-Educação

A técnica de segurança, Soraya Andrade, do Jatobá, espera a revisão do valor e dos critérios do Auxílio-Educação. Aluna de Engenharia da PUC, ela não se enquadrou nos critérios definidos pelo RH.

“A empresa já está absorvendo o potencial e a bagagem que tenho, mas falta maior atenção em relação à valorização profissional. A Cemig não dá resposta consistente em relação ao futuro do trabalhador; o que se reflete na busca de outras ocupações fora da empresa”, avalia.

Já vai tarde!

AES se prepara para sair da Cemig

Como previu o Sindieletro, a AES não vai mais participar do controle acionário da Cemig. Contudo, para a categoria comemorar a saída da AES é preciso que o acordo com o BNDES não imponha, mais uma vez, prejuízos para a sociedade.

Nos últimos dois meses, a direção do Sindieletro se reuniu com o BNDES para tentar impedir mais um calote da AES. A diretoria do Banco garantiu que o BNDES não terá prejuízo com o acordo.

O Sindieletro defende que o BNDES receba o pagamento integral da dívida ou assuma definitivamente as ações ordinárias. O sindicato espera o posicionamento do Ministério Público Federal, que está analisando o acordo entre AES e BNDES.

Sindieletro intervém e garante direito de trabalhadores terceirizados

Cerca de 160 trabalhadores (as) da conservadora Adser, terceirizados da Cemig nas funções de mensageiro, recepcionista, ascensorista e porteiro foram demitidos por causa do fim do contrato da prestadora. Deste total 140 foram recontratados logo em seguida por uma nova empreiteira

Os trabalhadores reclamam da falta de organização e de informação no processo. “Nós não ficamos sabendo de nada que estava acontecendo. A Cemig não nos esclareceu, ela só se preocupou se o funcionamento da empresa não seria prejudicado”, protesta um dos trabalhadores.

O diretor do Sindieletro, Moisés Acorroni, afirma que além de omitir os fatos aos trabalhadores(as), um detetive da Cemig impediu que ele e o também diretor do Sindieletro Marcelo Correia participassem de uma reunião que tratava do assunto.

A Secretaria de Terceirizados do Sindieletro agiu rápido e intermediou, conjuntamente com os representantes do Sindiac (Sindicato dos trabalhadores em empresas de prestação de serviços em higiene, conservação e portaria) e a nova empreiteira, o processo de transição dos funcionários da Adser

para a conservadora Campos. Segundo Leonardo Timóteo, diretor de Terceirizados, a própria Cemig prometeu que os trabalhadores não sofreriam perdas com esta mudança.

A informação foi confirmada por Cida Campos, responsável pela conservadora. “O contrato é o mesmo, tudo foi mantido. Os mesmos valores salariais e os mesmos descontos”, declara. Os que não quiseram ser recontratados tiveram todos os direitos garantidos, conforme convenção coletiva.

A proprietária da conservadora declarou que o contrato com a Cemig é em caráter emergencial, com duração de quatro meses. A empresa prestará os serviços enquanto o processo de licitação se completa, podendo ser prorrogado caso a conservadora Campos ganhe o pregão.

Segundo Leonardo, os eletricitários a todo o momento fo-

ram solidários com os trabalhadores da Adser. Ele ressalta a necessidade de uma maior organização dos terceirizados. “Os terceirizados devem conhecer o seu sindicato (Sindiac) e participar da construção de seu acordo coletivo. Somente com sua atuação, o trabalhador pode mudar esse cenário. Os trabalhadores devem conhecer seus direitos”, conclui.



Foto: Benedito Maia

Trabalhadoras da Adser estão inseguras quanto ao futuro

Cargo da Gasmig vira moeda política para tucanos

Em agosto o governador Aécio Neves comemorou a contratação do ex-embaixador do Brasil em Cuba, Tilden Santiago, do PT, pela Cemig. Também foi anunciado com ares de festa o convite do governador ao ex-prefeito de Ipatinga, Chico Ferramenta, também do PT, para o comando da Copasa. Aécio busca se aproximar do Partido dos Trabalhadores para ampliar a base de sustentação da sua candidatura à presidência da República.

O que a imprensa mineira não sabe ou não quis noticiar é que, apesar de atuar como assessor especial do presidente da Cemig, Tilden Santiago foi contratado pela Gasmig. Como não há mais vagas nos chamados cargos de confiança, esse foi o jeitinho encontrado para a contratação.

Enquanto convida políticos para ocupar cargo na Gasmig, a direção da Cemig resiste em regularizar a situação dos 93 funcionários cedidos pela Cemig, que lutam pela igualdade de direitos e pelo Acordo Único. “Esse jeitinho, através da Gasmig é ainda mais condenável

ao lembrar da pressão que os trabalhadores da subsidiária estão sofrendo para se desligarem da Cemig”, avalia o diretor do Sindieletro Guilherme Aguiar Silveira.

Tilden alega que sua contratação foi definida por critérios técnicos e por sua atuação na área ambiental, em especi-

al em relação à revitalização do Rio São Francisco. Tal afirmação destoa da postura do governo tucano que se mantém omisso diante de desastres ambientais como a degradação do rio Jequitinhonha pela barragem de Irapé e a morte de peixes em barragens, como ocorreu em Três Marias.

Sindieletro repudia a prática do “apadrinhamento”

Desde que a diretoria cutista assumiu a direção do Sindieletro, em 1986, o sindicato luta contra o uso político da Cemig pelos governadores. Nos anos 80, os eletricitários fizeram greves exigindo, entre outros pontos, o fim das contratações sem concurso público na Cemig para atender interesses políticos. A vitória veio após a Constituição de 88 e com muitas greves até o Acordo Coletivo dos anos 90.

A diretoria da Cemig insiste em burlar a lei e arruma desvios para manter alguns privilegiados, como no caso recente da advogada Lílian e do Coro-

nel Cícero, aposentado da Polícia Militar, contratado desde 1993. Outra forma de manter os apadrinhados é através da contratação de terceirizados, conforme temos denunciado na Cemig e na Gasmig.

Nesse episódio da nomeação de Tilden Santiago, a direção do Sindieletro reprova mais uma vez a manobra política que compromete os princípios de seriedade e ética que devem orientar a gestão de toda empresa pública. O sindicato exige a abertura de concurso público para o preenchimento de todas as vagas.



Aos diretores do Sindieletro

Além da situação dos salários onde, na mesma função, um despachante recebe até 100% a mais que o outro, e não tendo uma diferença muito grande de tempo de função, existe ainda a situação das mudanças radicais com o pessoal que despacha na alta tensão em dupla, serem obrigados agora a trabalharem sozinhos.

A indignação é grande, o clima é horrível, é muita pressão. Tem despachantes que não se sentem seguros para despacharem sozinhos. Estão tentando diminuir gastos dos COD's, dizem que é um custo alto, mas, esta é uma economia porca.

Os riscos de acidentes aumentam a cada dia, pois, as pessoas estão sob estresse constante, tem pessoas que já estão tomando remédios para dormir, pois, estão sofrendo de insônias e depressão. Sei que a situação é crítica, é um autoritarismo total. Impõem-se novas escalas de qualquer maneira, isto está acontecendo em todos os COD's.

Aconteceram algumas reuniões entre os COD's e o Sindicato, sendo que a última foi no ano passado e não deu em nada, temos que nos mobilizarmos urgente.

Rede Subterrânea

Trabalho invisível e desvalorizado pela Cemig

Imagine um ambiente de trabalho confinado debaixo da terra, onde vivem ratos, baratas, escorpiões e aranhas. O ambiente, de alguns metros quadrados, também serve de reservatório de água da chuva, lixo e do esgoto que eventualmente vaza entre as frestas, espalhando muito mau cheiro.

Em dias de calor a temperatura pode chegar aos 40 graus, o que obriga os trabalhadores trocarem o uniforme até três vezes, beber muita água, respirar a poeira com urina e fezes de rato. Casos de alergia,

problemas respiratórios, irritação nos olhos, náusea e dores de cabeça são muito comuns.

Esse ambiente é muito real para os eletricitistas da rede subterrânea da Cemig. Muitos deles consideram que o trabalho e suas carreiras são quase invisíveis, sobretudo para a direção da empresa que dá ordens dentro de salas amplas, aconchegantes e com ar condicionado.

“Queria ver um diretor acompanhar o nosso trabalho por duas horas. Ficaria sufocado, com medo e náuseas. A gente faz o serviço com muito orgu-

lho, mas se sente muito mal com a indiferença e pouca valorização da nossa carreira pela Cemig. Somos invisíveis”, criticou um eletricitista, há mais de 20 anos trabalhando nesse ambiente perigoso e insalubre.

Risco de acidente com choque elétrico

Apesar das boas condições de isolamento da rede, o risco de se formar um arco elétrico, seguido de explosão, é muito real e cotidiano. Segundo um grupo de eletricitistas de rede subterrânea, é possível a deterioração de cabos devido à ação do tempo e dos ratos.

Diferentemente da rede aérea energizada, o próprio espaço confinado dificulta uma análise a olho nu de cabos deteriorados. *“Se houver um cur-*

to por causa de uma rede deteriorada, a liberação de carga elétrica só vai terminar depois que todo o cabo derreter”, alertou outro trabalhador.

Segundo ele, *“só mesmo Deus que protege”,* lembrando que já houve curto e explosão em rede subterrânea, por causa de um fio roído por um rato. Felizmente, o dano foi só material, tendo em vista que não havia nenhuma equipe de eletricitista no local.

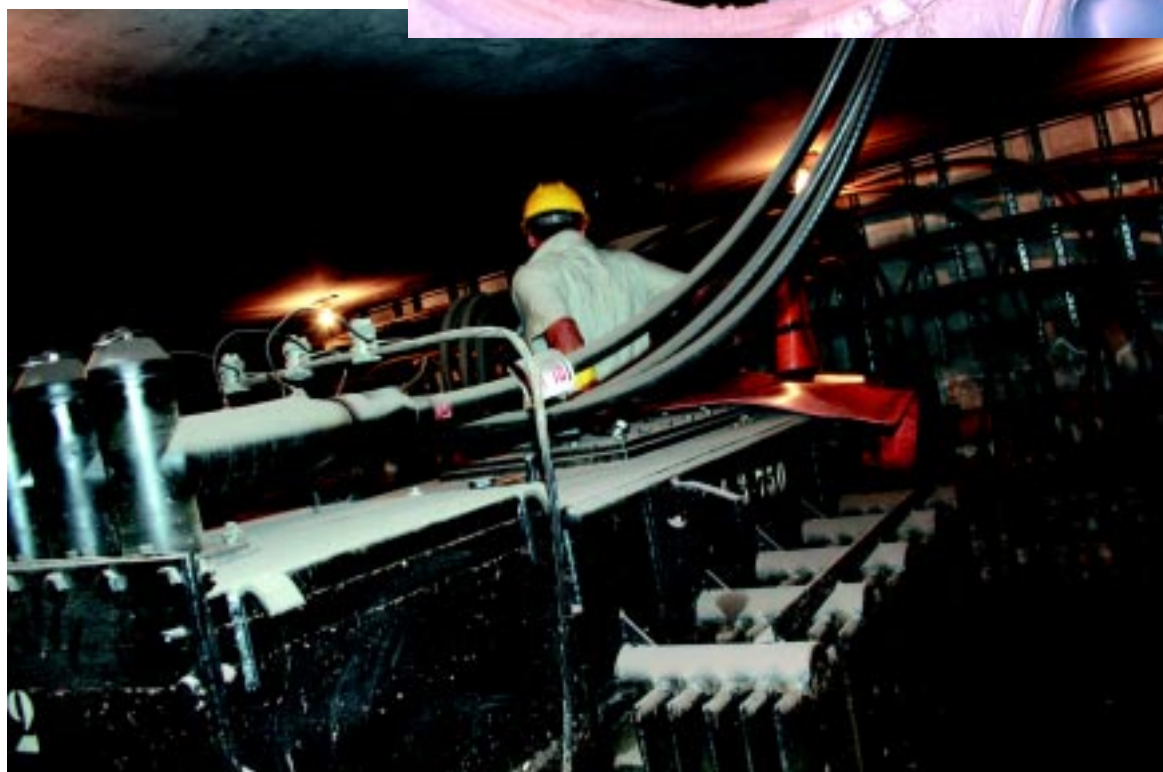
No interior, falta manutenção

O diretor de base do Sindieletro, Alair Magela de Araújo, que atua em rede subterrânea na região de Ouro Preto confirma que o risco de fechar curto no ambiente confinado é grande.

Segundo Alair, no interior, além do ambiente infestado de bichos peçonhentos, ratos e baratas, os riscos de acidentes são potencializados devido às más condições de trabalho, deficiências na

qualificação do pessoal, falta de manutenção preventiva e rede sobrecarregada.

“Os eletricitistas do interior trabalham em rede aérea energizada e rede subterrânea. Antigamente, todos atuavam somente na área e por isso conheciam detalhadamente todo sistema, hoje, infelizmente, a empresa não prepara o trabalhador do interior para esse conhecimento”, critica.



Eletricitistas cobram adicional como primeiro passo para melhorar as condições de trabalho

Como a Cemig pode melhorar as condições de trabalho e valorizar a carreira dos trabalhadores da área? Para a direção do Sindieletro, o primeiro passo é a empresa atender a reivindicação dos eletricitistas de rede subterrânea de pagamento de um adicional de 15%.

“É o mínimo que a Cemig poderia fazer para sinalizar que se preocupa, reconhece e valoriza a carreira. Contudo, mais que atender a reivindicação dos trabalhadores, a empresa precisa discutir a melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida dos eletricitistas de rede subterrânea”,

destaca o diretor do sindicato, Herom Raimondi Lima.

O diretor de Saúde e Segurança, Jairo Nogueira Filho, lembra que neste momento de Campanha é fundamental a solidariedade da categoria com os companheiros da rede subterrânea para a conquista do adicional e de condições dignas de trabalho.

“Além de não valorizar os trabalhadores, a Cemig desrespeita as normas regulamentadoras do setor; como a NR 33, que estabelece medidas de segurança e saúde para os trabalhos em espaços confinados”, aponta. Segundo Jairo,

já houve acidentes graves em galerias subterrâneas que não foram divulgados para a categoria. *“Os trabalhadores são abandonados à própria sorte”,* lamenta.

Mobilizados

Se depender dos eletricitistas, a mobilização pelo adicional e melhores condições de trabalho só tende a crescer. *“Não falta disposição para a luta. Estamos mal com a postura da empresa de não ver a importância das nossas tarefas e melhorar urgentemente as condições de trabalho”,* enfatizou outro eletricitista.

População dá opinião sobre o retorno da Vale como empresa pública

Exploração da mão-de-obra e degradação ambiental são saldo dos dez anos de privatização

Na última semana foi realizado o Plebiscito Popular sobre a anulação do leilão de venda da Companhia Vale do Rio Doce. A CUT e o Sindieletrô promoveram a consulta, cujos resultados serão entregues ao Executivo, Legislativo e Judiciário no próximo dia 25. O coordenador da CUT na Regional Vale do Aço, e diretor do Sindieletrô, Marcos Túlio Silva, destaca a importância do Plebiscito por ter levado para as ruas, escolas e praças a fraude na venda da Vale, reacendendo o debate sobre a privatização.

Desde que foi vendida, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, a Vale é um conglomerado multinacional. O Tesouro Nacional recebeu pela venda da empresa o que equivale hoje ao lucro trimestral da Vale. Hoje o dinheiro obtido com a exploração de reservas minerais vai para o consórcio Valepar e acionistas estrangeiros.

O Brasil é responsável por 69,7% da produção de minérios da América do Sul. Com o aumento da demanda interna e da China nos últimos anos, a exportação de minério está crescendo, mas o Brasil importa cada vez mais aço da própria China.

A Vale também explora recursos energéticos no Brasil e, junto com a Cemig, controla

usinas hidroelétricas como Aimorés, Capim Branco e Funil.

Livre de impostos de exportação, não recolhendo quase nada para os cofres públicos, e ainda contando com energia barata, a Vale repete a história de exploração em nosso Estado. Os municípios mineradores hoje estão cercados por crateras, mas têm arrecadação muito menor do que as cidades vizinhas, com atividade metalúrgica.



Fotos: Benedito Maia

Destruição ambiental: imagem que não aparece na propaganda

Itabira: um retrato na parede

A pequena Itabira, cidade onde nasceu o poeta Carlos Drummond de Andrade e também a Companhia Vale do Rio Doce, se transformou num monumento à triste história da mineração no país.

A força da Vale gerou empregos e construiu prédios, mas também destruiu riquezas naturais como o Pico do Cauê, hoje transformado em depósito de rejeitos. As nascentes e matas deram lugar às florestas de eucalipto que agora disfarçam os buracos que rodeiam a cidade.

Itabira também convive diariamente com o barulho das explosões e apitos das locomotivas. A tristeza de Drummond, que via sua cidade ser desfigurada pela mineração, deixando de “ser

eterna para ser apenas moderna” atinge outros itabiranos.

Dirce Mary Duarte, moradora da Vila Paciência há 47 anos, viu a mina da Vale destruir casas, matas e uma “nascente de água purinha”, até chegar a 50 metros de sua casa. “Perdi a conta de quantas vezes os vidros da minha casa quebraram. O barulho de explosão vara a noite. Meu sonho é mudar daqui, mas o pessoal da Vale diz que nós é que não sabemos fazer a casa, que não usamos material decente. Por isso não seremos desapropriados”, conta.

Recentemente a empresa anunciou a prorrogação das atividades na cidade por mais 70 anos. A afirmação pode ter sido usada para justificar o pedido



Wegton: uma história de dedicação e injustiças

de autorização para o rebaixamento do lençol freático para aprofundar a cava das minas, já que a exploração subterrânea pode representar alto custo para a empresa.

O aposentado Wegton José Alvarenga, morador de Itabira,

Exploração do trabalho

A Vale nasceu sob o signo nacionalista de Getúlio Vargas, mas, após a privatização, se tornou grande exploradora de mão-de-obra, principalmente terceirizada. Depois de Carajás, no Pará, Itabira tem o maior número de trabalhadores.

Apesar da pressão do Ministério Público do Trabalho pela primarização, a Vale reúne em Itabira 3.200 trabalhadores próprios e 5.800 terceirizados, expostos à pressão pela produtividade e à doenças profissionais.

Junto com a privatização, vieram a redução dos salários, a sobrecarga de trabalho, a criação do banco de horas e a retirada de benefícios e direitos dos trabalhadores.

trabalhou na Vale até se aposentar aos 30 anos e vive a tristeza de mudança na gestão da Companhia. Ele era soldador, mas, dois anos depois da privatização, após várias doenças profissionais, foi ameaçado de demissão e aposentado irregularmente como operador.

“Saí da empresa com LER, hérnia de disco cervical e lombar e Síndrome do Túnel do Carpo e tive que brigar na justiça por meus direitos. Isso jamais aconteceria nos tempos em que a Vale era estatal. Parece que a empresa perdeu seu coração”, lamenta.

